

DAS RUAS ÀS ESCOLAS: ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE CABEDELO-PB

Raphaella Ferreira Mendes

Universidade Federal de Campina Grande; raphaellaffm@gmail.com

Ercleuson Cruz de Araujo

Universidade Estadual da Paraíba; ericleuson@hotmail.com

Nadjara Kalyenne de Lima Antero

Universidade Federal de Campina Grande; kalyenne.antero@gmail.com

Viviane Sousa

Universidade Federal de Campina Grande; vivianne.uepb@gmail.com

Resumo

O movimento “Ocupa IF Cabedelo” teve como ação principal a paralisação das atividades rotineiras, em face ao contexto político brasileiro. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa será compreender como se desenvolveu o movimento de Ocupação (2016), no IFPB Cabedelo, um novo dado que se mostrou durante a realização da pesquisa foi a presença da figura da mulher dentro do movimento. Segundo os relatos, a presença das mulheres demonstrava seu espaço conquistado desde a organização do grupo de teatro em que a maioria é formada por mulheres, como também dentro da ocupação, em que a representatividade das mulheres desempenhou um papel de destaque dentro do movimento. A partir do sentido de apropriação do espaço escolar por parte dos jovens e como objetivos específicos iremos caracterizar a estrutura organizacional do movimento de ocupação no IFPB Cabedelo; e identificar como os jovens percebem o espaço escolar após o processo de ocupação da escola. O percurso metodológico é dividido em dois momentos, o primeiro em que tenho acesso a pesquisa realizada durante a ocupação no IFPB Cabedelo através do Projeto de Extensão Universidade e Juventude: passarela cidadã, traçam o perfil dos alunos ocupantes. O segundo momento foi a realização do grupo focal, com os alunos que fizeram parte da ocupação, para entender como desenvolveu o momento posterior a ocupação. Nesse sentido, com os resultados, fica perceptível a maior participação de alunos mais jovens no processo de ocupação da escola, concentrados no primeiro ano, e que a partir dos relatos demonstram uma mudança na relação desses jovens com a escola, ou seja, uma maior apropriação pelo espaço escolar.

Palavras-Chave: Movimento de ocupação; participação; resistência.

Introdução

A “primavera secundarista” representa a construção de uma resistência contemporânea brasileira, a partir de uma nova perspectiva de formação dos movimentos sociais, se organizando emitir resposta a um contexto político de grande instabilidade nacional em 2016. Desde as manifestações de julho de 2013 a juventude, inseridas movimentos sociais, ou autônomos, contribui para construir uma sensação de mudança da forma de fazer política que pouco inclui os novos sujeitos políticos, e suas demandas, nesse contexto brasileiro.

No Brasil em 2016, o fenômeno movimento de ocupação desenvolveu um papel de destaque no processo de resistência às medidas provisórias encaminhadas pelo Governo Federal. Em outubro, o movimento das ocupações ganhou força em todo o país, estando os secundaristas à frente deste movimento inicial. O Estado do Paraná, momento em que se registrou mais de 800 escolas ocupadas, tornando-se modelo expressivo nacionalmente. O Brasil contou com mais de 1.000 escolas ocupadas em todo seu território, segundo o levantamento da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). No total, de acordo com a UBES, foram mais de 995 Escolas da Rede de Ensino Regular e Institutos Federais, 73 *Campis* Universitários e ao menos três Núcleos Regionais de Educação ocupados.

Segundo a UBES (2016), a Paraíba registrou cinco Institutos Federais ocupados. São eles, o Instituto Federal de João Pessoa, localizado no bairro de Jaguaribe; o de Cabedelo, localizado na grande João Pessoa; Guarabira no agreste paraibano, Sousa e Cajazeiras, no sertão do estado. Houveram outras ocupações no Estado, com os *campi* de a Universidade Federal da Paraíba, com os *campi* de João Pessoa, Areia e Bananeiras, bem como a Universidade Federal de Campina Grande, com os *campi* de Campina Grande e Sumé. Dentre as escolas estaduais ocupadas estão a Escola Estadual Dr. Elpídio de Almeida (conhecida como Gigantão da Prata), em Campina Grande, e o Lyceu Paraibano, em João Pessoa.

A escolha por este campo se expressou pela identificação que o IFPB de Cabedelo representou, dentre as demais escolas ocupadas na Paraíba, aquela com maior expressividade na região, em relação ao período de duração. Foram 50 dias letivos em que alunos ocuparam o Instituto Federal da Paraíba *campus* Cabedelo. Nossas perguntas de partida são: como se desenvolveu a

ocupação do IFPB Campus Cabedelo? qual o sentido da apropriação do espaço escolar pelos jovens?
quem são estes jovens? como eles após a ocupação falam desse espaço escolar?

Metodologia

Além da utilização de sites de informação sobre as ocupações nas escolas no ano de 2016, principalmente dos grupos formados nas redes sociais que abordaram os jovens e as ocupações dos espaços escolares. Tal fato refere-se à posição ocupada por tais ferramentas por proporcionar fácil comunicação e ser uma forma de legitimar as atividades realizadas pelos secundaristas.

Uma outra técnica da pesquisa visando atingir nosso objetivo a respeito da apropriação do espaço escolar pelos jovens durante a ocupação, foi a realização grupo focal com os estudantes que participaram da ocupação do IFPB Cabedelo em 2016. Através da rede de comunicação criada a partir do contato com os jovens na ocupação, foi possível marcar um dia para o reencontro e diálogo sobre a ocupação e identificar o que foi que ocorreu posteriormente a esse fenômeno, que favoreceu um papel de mudança na escola.

Segundo Minayo (2000) o grupo focal tem como princípio a interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. A construção da sua composição obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, que vão de acordo com o objetivo da pesquisa, sendo um espaço de criação de discussão, que proporcione os indivíduos manifestarem suas percepções acerca daquele fenômeno.

O grupo focal aplicado na pesquisa foi realizado em outubro 2017, ano após o movimento de ocupação na escola e contava com estudantes que fizeram parte da ocupação, tanto quem já tinha terminado o ensino médio, como também com os que continuavam na escola. Esta etapa foi fundamental para a caracterização da relação dos alunos com a escola após o movimento de ocupação.

Discussões/Resultados

A singularidade da escola observada se transmite a partir de sua história. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB), campus Cabedelo, emerge como campo de pesquisa realizada durante o movimento de ocupação em 2016, mas conta também com sua trajetória de luta

e resistência. O polo é historicamente confrontado com ameaças de fechamento, pois é alvo de diversas baixas em relação desistência por parte dos alunos.

Nesse sentido, vale destacar o processo histórico e a relação que os estudantes têm com o Instituído, a luta por um espaço físico adequado é um marco de luta desses sujeitos. Seu funcionamento anteriormente era situado em uma sede provisória, no centro de Cabedelo-PB, com pouca infraestrutura para as atividades necessárias para os desenvolvimentos educacionais desses alunos. Este contexto serve de motivações para os estudantes lutarem para apropriação do novo local, situado em bairro Camboinha II, com a estrutura nova.

É com a iniciativa de um dos professores de Geografia, contribuindo para a formação do grupo de Teatro, o método teatral do “Teatro do Oprimido”, com apresentações de peças acontecem vários debates de cunho político. É a partir dessas organizações que se desenvolve posteriormente o grêmio estudantil em conjunto aos estudantes do ensino técnico e superior, se organizam para que em outubro de 2013 fosse feita a ocupação do novo espaço (FARIAS, 2016). Mas, mesmo assim com a conquista desse novo espaço, ou seja, as novas Instalações os problemas persistiam e a falta de acessibilidade ao local, e sua localização são características do instituto.

Em consonância do contexto brasileiro no ano de 2016 em que a insegurança em relação ao ensino, por meio da Medida Provisória de reformulação do Ensino Médio e a PEC 55, e pela onda de ocupação em todo território nacional, os alunos sentiram a necessidade de formar uma reflexão sobre as consequências dessas medidas do governo em suas vidas, na formação dos estudantes e no funcionamento do campus.

A partir do grêmio estudantil como uma organização para preparação de assembleias e debates estudantil momento importante para construção da articulação entre os estudantes, foi possível a organização de reunião com os pais de alunos, administração técnica e corpo docente do Instituto sobre as ocupações. Definindo o início da ocupação para dia 24 de Outubro de 2016, concordando inicialmente em ocupar apenas uma semana, com previsão para acabar em 29 de Outubro de 2016.

Passando 52 dias ocupando o espaço do campus, os estudantes tinham uma rotina para as diversas atividades educacionais, dividindo o dia sempre em horário para alimentação, oficinas e

debates alternados pela manhã e pela tarde, destinando a parte noturna a apresentações culturais, como música e exibição de filmes, possuindo hora de dormir e acordar como “toque de recolher” e “alvorada” respectivamente, deixavam o final da noite reservado para uma roda de conversas.

Com o enfraquecimento do movimento nacional e o prolongamento do movimento imprensando o calendário estudantil já agravado por greves passadas, foi decidido em 13 de Dezembro de 2016 por meio de assembleia estudantil, a paralisação do movimento e a volta das atividades normativas, mas, mantendo a articulação já estabelecida durante o período de ocupação.

As participações dos indivíduos na ocupação sinalizam para um desenvolvimento na trajetória de vida política desses estudantes a partir do momento que levam esses estudantes a comporem a organização posteriormente a esse fenômeno, ou seja, e em outros espaços. Como também serviu de intermédio para o desenvolvimento da participação de alunos que pouco participavam das questões da escola. Segundo o discurso de um dos alunos;

A ocupação foi um espaço que deu voz aos alunos que eram do campus e não participavam dos discursões, como também deu voz a pessoas da comunidade que está próxima do campus, muitas pessoas que não eram estudantes vinham para cá apoiar, participar das oficinas, das aulas. (SECUNDARISTA, IFPB CABEDELO)

Um dos pontos que foi destacado durante o discurso dos jovens foi a união dos alunos, em todos os níveis, a partir da ocupação. Se segundo os ocupantes, foi difícil o processo pelo qual passaram, principalmente, pelas repressões que eles sofriam, mas a após a ocupação foi possível identificar aspectos positivos, com a união entre os alunos que ficou marcada, e como consequência desse fato o espírito de coletividade era constantemente trabalhado. Nesse sentido, a relação de coletividade que se criava era o motor que fazia prosseguir o movimento de ocupação tanto durante como depois.

O fato é que a ocupação repercutiu no Brasil todo, as redes sociais desempenharam um papel muito importante de divulgação, tanto para o lado positivo, como uma maior integração do que acontecia na ocupação com os alunos que não poderiam participar, como também pelo lado negativo, em que a repressão pela internet se tornava as mais pesadas em termo de degradação com os estudantes.

No geral mudou o que é o IF, pois antes a gente sabia que o IF era um lugar que a gente tinha voz, no máximo, hoje a gente sabe que é um lugar em que a gente pode transformar, demonstrado com a ocupação, que foi um espaço democrático, envolvendo a política estudantil, política nacional, para construir uma concepção de sociedade e de cidadania, então o IF é assim hoje por causa da ocupação. (SECUNDARISTA, IFPB CABEDELO)

O destaque de todo esse processo acontece também pela fórmula educativa de participação da nova juventude, ou seja, a partir do momento que são os jovens com eles mesmo que é passada o ensinamento da necessidade de uma maior participação nas decisões política que os cercam. Acarretando numa forma em que os jovens que permaneceram na escola continuaram reivindicando por seus direitos, ao passo que os que foram adentrar em outros espaços também demonstram a importância de uma maior participação.

Logo, a gente passou a vê o IF como nosso de verdade, passou a reivindicar quando a gente acha necessário, as pessoas que participaram passaram a compartilhar mais fatos da realidade política nacional. E isso é fruto também dos professores, foi a partir da iniciativa de buscar o debate em sala de aula, de questionar sobre a realidade social em que vivemos, é a partir dessas ações que podemos pensar criticamente. (SECUNDARISTA, IFPB CABEDELO)

Conclusão

O movimento de ocupação desencadeia no momento de grandes conflitos contemporâneo representam uma nova forma de resistência perante as questões sociais e políticas do cotidiano. Colocando em prática um tipo de “resistência ativa”. Demonstram inicialmente uma necessidade de transformação da participação política, isto é, ocorre a cobrança por espaços como também em que as vozes das minorias sejam atendidas e que as políticas públicas estejam voltadas para elas, ou seja, demonstram uma forma de luta consciente, que possui uma arma de luta contra as políticas públicas educacionais de caráter conservador e neoliberalista que pouco representam suas demandas por uma escola crítica e não apenas para atender o mercado de trabalho.

Nesse sentido, o movimento de ocupação se torna uma organização coletiva, pensada pela maioria e construída pela maioria, que pretende além ir contra os desajustes com a educação e a

política, tem uma perspectiva de propor novas formas de organização e participação. Se tornando uma forma de resistência que tem a perspectiva de ir além do campo do direito de apenas discordar, como uma resistência passiva, e passam a ocupar o chão seus espaços, como o chão da escola.

Os jovens, predominantes nesse processo, marcam uma ruptura geracional nesse movimento e conseqüentemente evidenciam formas de organização característico da sua época, como exemplo, a organização por meio redes sociais, como as transmissões de acontecimentos dentro da ocupação em tempo real através dos *streamings* de vídeos pelas plataformas de redes sociais como o Facebook, construindo um diálogo com os outros jovens e comunidade, como também através da transferência de conhecimento para outras ocupações.

Logo a contribuição do movimento de ocupação para a realidade brasileira é inicialmente a transformação de uma realidade social dos estudantes secundaristas que fizeram parte desse processo, mesmo que de forma macro não tenham conseguido impedir a implementação dessas medidas, ainda sim, revelam uma mudança no seu cotidiano escolar. Ou seja, demonstram minimamente uma transformação da relação dos estudantes com a escolas, os professores, e até seus colegas, possibilitando a oportunidade de da voz aos seus sujeitos.

A partir da integração dos alunos com a apropriação do espaço - quando o espaço escolar não é algo apenas transitório e sim apropriado pelos indivíduos - como algo singular a ser observado e a busca sua melhoria, entendendo a necessidade dessa participação ativa, surge uma resistência ativa. Isto é, existe uma mudança no senso de percepção em relação ao espaço escolar, transformando-o em um espaço de luta e resistência. Assim, percebendo que os canais e espaços históricos de luta, como a rua, podem ser mudados e reconfigurados surgem novos atores sociais e novos contextos, como também evidenciando novos espaços de resistência.

Referência

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

FARIAS, Thayna Rimar. **Relação IFPB e Comunidade Jardim Jericó, Município De Cabedelo/ Pb: O Que Eles Esperam De Nós?** 2016. 26 f. Monografia - Curso de Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo - Pb, 2016. Cap. 5. P. p.18

MAY, T. **Pesquisa social. Questões, métodos e processos**. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 57.

